

ESTUDO DE CASO: MEMÓRIA E ESTUDO HISTÓRICO DOS PRINCIPAIS LOGRADOUROS DO MUNICÍPIO DE TELÊMACO BORBA-PR, ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS (1940-2010). UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL DR. MARCELINO NOGUEIRA

Cynthia Celene Benck de Lima¹

Josana de Fátima Silva Rentz²

19

RESUMO

O presente artigo visa a apresentar a importância da utilização de fotografias como recurso visual e fonte histórica. Contribuindo para o desenvolvimento da percepção e da reflexão do potencial criativo dos alunos. Considerando que o ato de fotografar tem a ver com a memória. E que memória é uma das muitas preocupações da História. É interessante observar a evolução do ensino da disciplina de História. Após a proclamação da república em 1889 houve a preocupação na construção da identidade de um país. Estando pautada na história dos grandes heróis. A disciplina era decorativa como nomes e datas. Mas, atualmente as novas vertentes historiográficas pautam o trabalho da disciplina História em sala de aula nas múltiplas abordagens, com a utilização do uso de diversas fontes. Através da observação dos resultados obtidos na aplicação de uma oficina pedagógica, com alunos do ensino médio do Colégio Estadual Dr. Marcelino Nogueira. Foi possível obter dados sobre o impacto e os benefícios em relação à aprendizagem histórica, quando da utilização do uso de diversas fontes, entre elas a fotografia. Utilizando-se da história local foi trabalhado o tema memória. Para tal, foi utilizada a história dos principais logradouros do município de Telêmaco Borba-PR, como elemento integrador para o entendimento do passado, do presente e do elemento da memória. Demonstrando aos alunos que a História está muito mais próxima do nosso dia a dia, e que todos os cidadãos mesmo que muitas vezes anônimos fazem parte e contribuem para a construção da História. Tendo as fotografias como uma série de signos ligados a história e a memória dos municípios.

Palavras-chave: Fotografia. Memória.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho elaborado teve como objetivo demonstrar a importância da utilização das mais diversas formas de fontes no ensino de História. Tendo como foco a utilização de fotografias como elemento importante e constitutivo da memória.

¹ Aluna do Curso de Pós- Graduação em História, Arte e Cultura, da UEPG. Artigo apresentado com Trabalho de Conclusão de Curso .Farmacêutica- Bioquímica (UEPG) Tecnóloga em Gestão Pública (UTFPR), Licenciada em História e Mestrando em História pela UEPG.

² Professora Orientadora de TCC Licenciada em Pedagogia pela FATEB, Licenciada em História pela UEPG, Professora de Sociologia pela SEED, Especialista em História - Arte e Cultura pela UEPG e Educação Especial pela IBPEX.

Para a obtenção de informações sobre o impacto da utilização das fotografias como fonte documental, foi aplicada uma oficina pedagógica com alunos do segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Dr. Marcelino Nogueira. Colégio este localizado no município de Telêmaco Borba- PR.

A oficina pedagógica ocorreu na forma de contraturno com a participação de quinze alunos, totalizando uma carga horária de 12 horas de atividades. Para melhor desenvolvimento das atividades foi confeccionado um revista pedagógica sobre o tema. A qual que foi utilizado pelos alunos participantes da oficina.

Para o desenvolvimento do trabalho tendo como tema: a memória, foram utilizadas fotografias dos principais logradouros do município de Telêmaco Borba, no período de (1940-2010). Partindo-se do conhecimento que a fotografia é um recurso visual e muito contribui para o desenvolvimento da percepção e da reflexão da potencial criativo do aluno. Esse recurso visual foi um elemento importante ao registro da memória.

A análise de fotografias proporciona uma série de questionamentos sobre: paisagens, indivíduos e outros elementos passíveis de serem analisados em relação a memória de uma cidade. No recorte de 1940-2010 as fotografias (de acervos institucionais e particulares) serviram de elementos que forneceram dados sobre mudanças que ocorreram nos principais logradouros.

Mudanças essas decorrentes dos avanços econômicos e culturais. Onde as principais ruas e avenidas na década de 1940 não tinham calçamento, as casas na sua grande maioria eram de madeira, houve mudança no comércio, nas atividades culturais, no modo de vestir das pessoas, na paisagem em geral. Mas qual a perspectiva destas análises em relação à memória de uma comunidade para o futuro?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O QUE ENSINAR EM HISTÓRIA

Um questionamento muito frequente na sala de aula proferido pelos alunos é: porque estudar História? Segundo eles, saber sobre o passado das sociedades certamente

não aumenta as chances de arranjar um emprego. A História não tem importância só vou estudar porque cai no vestibular. Mudar esta concepção não é um trabalho fácil, mas o professor deve se debruçar sobre este desafio que atualidade escolar lhe impõe.

Claudia Regina Moreira em seu livro *Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de História* contextualiza muito bem esta situação cotidiana de sala de aula utilizando do filme *Blade Runner, o caçador de andróides* do diretor Ridley Scott, para explicar o papel da História e sua importância. Uma das personagens do filme, suposta filha de um cientista importante, descobre que é na verdade um androide, isto é, uma máquina com forma humana. Todas as lembranças que ela tinha desde a infância não eram experiências reais que tinha vivido, mas informações implantadas pelo cientista em seu cérebro cibernético. A partir do momento em que descobre a verdade sobre si mesma, ela passa a viver uma intensa crise existencial. Tal crise, no entanto, não se deve à indignação por terem feito de tola, mas sim, pelo fato de não ter mais certeza de quem era realmente.

Isso significa que é por meio de nossas experiências passadas que construímos nossa identidade. Sabemos quem somos no presente porque podemos estabelecer relações entre experiências que vivemos no passado e que nos tornaram o que somos hoje. É por conhecermos nosso próprio passado que somos capazes de entender nosso papel no presente e agir no mundo de modo a transformá-lo no futuro. (Moreira, 2007, p.18)³.

Mas o que ensinar na disciplina de História? Temos um currículo a cumprir com quantidade e qualidade de assuntos. O desafio do docente é oferecer ao aluno a oportunidade de compreender que ele é um sujeito que participa ativamente da construção da História, tomando decisões, usufruindo de seu direito de cidadão.

Tendo como ponto de partida o que o aluno conhece. Não devemos como docente apenas constatar o já conhecido. Devemos lançar um novo olhar sobre o cotidiano. Auxiliando os alunos na transposição dessa visão parcial e fragmentada da realidade para uma mais sistemática, que leve em consideração uma perspectiva diacrônica e as relações

³Moreira, Cláudia R. B. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de História**. Curitiba: Ipbex, 2007. (1)

que sua realidade mais próxima estabelece com contextos sociais mais amplos. (Moreira, 2007,p. 22)⁴

A partir do cotidiano, devem ser conduzidas extrapolações que permitam ao aluno a compreensão de outras realidades, em outros tempos e lugares.

Mas este estabelecimento do diálogo entre realidade mais imediata do aluno a outras realidades remete o cuidado do docente de não reforçar estereótipos.

O desafio do docente está em fazer da História algo que o aluno realmente pertença, contribuindo verdadeiramente para a construção de sua identidade pessoal ou social. Proporcionando uma reflexão acerca de quem somos, daí a importância do trabalho com a História Local.

Quando se trabalha com assuntos que envolvam a História Local o docente tem a oportunidade de dar a grupos que, numa abordagem macro, ficariam fora da História. Decorrente a esta afirmação que desenvolvemos uma oficina pedagógica privilegiando a História Local (Município de Telêmaco Borba-PR).

2.2 MEMÓRIA

Só no fim da década de 1970 que os historiadores da Nova História começaram a trabalhar com a memória. Na Filosofia, na Sociologia, Antropologia e principalmente na Psicanálise, no entanto, estudos sobre a memória coletiva e individual encontram em estágios bem avançados.

A memória é uma das muitas preocupações da História. (Cerri, 2010, p.67).⁵

Para o filósofo Bergson, o ato de lembrar passou a merecer a distinção entre “memória- hábito” e a “memória- lembrança”, ou seja, existiria uma memória aprendida e uma memória que se imagina, que são lembranças.

⁴ Moreira. Cláudia R. B. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de História**. Curitiba: Ipbex, 2007

⁵ CERRI, Luis Fernando. **Oficina de História III**. Ponta Grossa: UEPG/ NUTEAD, 2010.(3).

Desse modo lembrança pode ser definida como reconstrução do passado, realizada com a ajuda de informações do presente, e por isso estaria sujeita a flutuações e mudanças constantes (BOSCHILIA, 2002,p.3).⁶

Mas o que é memória? Será que somente existe memória individual ou há existência de memória coletiva? A memória teria a capacidade de simplificar a noção de tempo? Existe uma distinção entre História e Memória?

Muitos autores entre eles Michel Pollak, Pierre Nora e Maurice Halbwachs desenvolveram trabalhos relevantes em relação ao tema memória.

Segundo o Robson Laverdi (2014)⁷ memória é linguagem. E a fonte histórica tem papel importante na memória e na construção narrativa.

Maurice Halbwachs, sociólogo é identificado como os primeiros estudiosos sobre as memórias sociais na primeira metade do século XX. Seu pensamento exerceu grande influência sobre os estudos dos historiadores da memória. Para ele “no ato de lembrar, nos servimos de campos de significados”. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória,são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são em essência a memória. (FÉLIX, 2004, p.38)⁸.

Halbwachs na década de 1920, estabeleceu uma clara distinção entre memória individual (interna, pessoal, autobiográfica) e memória coletiva (externa, social e história).Conforme suas reflexões, o modo de lembrar se constitui, ao mesmo tempo, num fenômeno individual e social.

Ele atribui às estruturas sociais da memória uma identidade coletiva e um caráter subjetivo, reforçando a ideia de que o indivíduo reconstrói suas lembranças sempre a partir das referências do grupo social ao qual ele pertence,

Mickel Pollak em seus trabalhos é contundente quando afirma que História e Memória não são sinônimos. Ao estudar o assunto Memória não ficamos apenas restritos a

⁶ BOSCHILIA, Roseli. **Construindo Memórias**: Modelando condutas e educação católica em colégios masculinos

⁷ LAVERDI,Robson. Entrevista, 2014

⁸ FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Universidade de Passo Fundo, 2004, UPFG

falar apenas de vida, e perpetuação dela, mas sua perpetuação através da história. Ele afirma que a memória é seletiva e nem tudo fica gravado (Pollack, 1992 .p.203).⁹

Seu trabalho teve como objeto de estudo as memórias subterrâneas, denominação dada por ele à memória das minorias. Ele desenvolveu muitos trabalhos relacionando a ligação entre: memória e identidade social. Afirmando que a questão de formação de identidade está intimamente associada à memória. A partir do momento que há fixação da lembrança de lugares e objetos nas memórias, como elemento organizador de referencial identitário. Sendo a memória um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo.

Ele defende a ideia que o historiador ao trabalhar com a memória aflora o sentimento de pertencimento, criador das identidades. Sendo a identidade um elemento essencial à memória.

Havendo uma permanente interação entre vivido e aprendido; vivido e transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar e dentro de uma determinada comunidade.

Para Pollak na maioria das memórias existem marcos. E a memória independentemente de ser individual ou coletiva apresenta os seguintes elementos constitutivos: os acontecimentos vividos pessoalmente, os acontecimentos vividos em grupo, sendo formada por pessoas ou personagens. Além de acontecimentos e pessoas existem os lugares: *lugares de memória*. Lugares estes ligados a uma lembrança, que pode ser pessoal ou não (Pollak, 1992, p.202).

Pierre Nora sintetiza muito bem a diferenciação entre Memória e História.

A memória é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993,p.14).¹⁰

⁹ POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 5. N.10, 1992, p.200-212.

¹⁰ NORA, Pierre. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. Trad.de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, v.10, p7-28, dez, 1993.

Tradicionalmente a memória social partilhava de vivências, mantendo pelas tradições e costumes; garantindo-se assim a passagem regular do passado ao futuro. Atualmente o cotidiano se afasta das vivências e do costume, havendo a necessidade de ser guardada, preservada em seus laços de continuidade. Daí a necessidade dos lugares de memória como: arquivos, fotografias, museus, coleções monumentos, santuários entre outros.

O historiador brasileiro José Honório Rodrigues defende a diferenciação entre História e Memória. Para ele a história tem por objetivo a busca da compreensão do homem no tempo, sendo uma análise. É crítica, é vida que flui e muda de acordo com as necessidades sociais, econômicas do presente e as aspirações e esperanças do futuro. Já a memória petrifica, marmoriza, fossiliza e estratifica. (Loiva, 2004,p.41).¹¹

Mas conforme aponta Montenegro, a distinção entre memória e história não pode deixar de ser considerada, uma vez que o vivido que guardamos em nossas lembranças e que circunscreve ou funda o campo da memória distingue da história. Todavia, se a memória é uma reflexão sobre o mesmo passado que é construído pela história e se ambas realizam recortes e construções de uma realidade sobre outra, já construída. (Boschilia)¹²

Paul Ricour preocupado em articular a verdade defende a tese que não há indissociabilidade entre memória e história. Onde a articulação epistemológica ocorre com a seguinte simetria: verdade (história) e a fidelidade (memória) e essa articulação que possibilitaria ao historiador o desvendamento dos sentidos, associando rigor objetividade e subjetividade. (Boschilia)¹³

2.3 FOTOGRAFIA

Na História da humanidade a fotografia é uma invenção recente. A fotografia é uma forma de linguagem importante na vida contemporânea. Visto que a fotografia está

¹¹ BOSCHILIA, Roseli. **Construindo Memórias**: Modelando condutas e educação católica em colégios masculinos.

¹² Idem BOSCHILIA

¹³ Ibidem BOSCHILIA

vinculada ao dia a dia dos indivíduos e sua bagagem cultural. Como toda forma de linguagem, ela possui regras próprias e métodos para sua interpretação.

Fotografar é como pescar ou escrever. É extrair do desconhecido àquilo que resiste e teima não sair à luz. (Jean Gaumy).

O ato de fotografar está relacionado com a memorização. E a memória é uma preocupação da história.

Fotografar tem a ver com os rituais de nascimento, crescimento, casamento, confraternização, lazer, cotidiano e suspensão do cotidiano. E os rituais, o cotidiano, a vida social, também são preocupações da história. (Cerri, 2010, p.69)¹⁴

Ao considerar a fotografia como fonte, deve-se pensar a prerrogativa que o ato de fotografar é considerado uma forma de a sociedade preservar a memória. Historicamente é considerada uma fonte importante para a compreensão de um determinado período histórico.

O trabalho com fotografias em sala de aula devem levar os alunos a reflexão.

E deve ser considerada como um elemento primordial na construção narrativa.

“a fotografia(...) revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. (Jacques Le Goff)..

Mesmo sendo lacunar tem sua importância como forma de registro.

Quando utilizada com fins didática sempre devemos lembrar que embora pareça, ela não é cópia fiel do real. Vale o aviso de J.Le Goff: No limite, não existe documento verdade, todo documento é mentira;

Levando em consideração que a fotografia é uma realidade capturada pelas lentes da câmera, e reconhecendo os riscos do trabalho em sala de aula. A utilização das fotografias é um recurso importante como forma de registro e exige uma série de questionamentos.

¹⁴ CERRI,Luis Fernando. **Oficina de História III**. Ponta Grossa: UEPG/ NUTEAD, 2010

Marcos Napolitano elaborou uma série de questionamentos a serem pautados com os alunos na condução de trabalhos com fotografias como documento histórico. São eles:

- Qual a técnica utilizada na produção da foto? Qual maquinário?
- A foto sofreu algum tipo de manipulação técnica, como montagem, pintura?
- A composição da foto é espontânea (no caso de fotojornalismo) ou foi arranjada (como no caso da fotografia publicitária)?
- No caso de retratos: quem é (são) o (s) retratado(s)? Que informações a foto traz que nos permitem identificar quem é essa pessoa?
 - Onde a foto foi tirada?
 - O contexto da foto está inserido, no domínio público ou privado?
 - Onde essa foto foi veiculada pela primeira vez?
 - Por que essa foto foi feita?
 - É possível saber qual impacto essa foto causou ao ser trazido a público?

Como narrativa a fotografia tem sua importância e peculiaridades em seu trabalho com cita (Maria Short, 2013)¹⁵.

Narrativas são usadas em muitos campos do conhecimento em que oferecer ao público uma linha condutora ou um conceito a ser dominado pode ser útil na análise ou transmissão de informação em um contexto específico.

Em termos simples, uma narrativa geralmente consiste de início, meio e fim. No entanto uma narrativa fotográfica pode não seguir necessariamente essa estrutura; por exemplo, pode simplesmente dar a entender o que aconteceu ou sugerir o que pode vir a acontecer. Uma narrativa fotográfica pode ser uma interpretação fictícia de uma determinada pessoa, lugar, evento ou momento.

Como comunicação visual a fotografia como narrativa não precisa um sentido linear. Pode ser cíclica, ou estar contida em uma única imagem ou fazer referências cruzadas que, quando reunidas, substanciam o entendimento ou interpretação que o espectador faz das intenções do fotógrafo.

¹⁵ SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. Editora Gustavo Gili. Barcelona, 2013

Seja o que for que a fotografia transmita: o turbilhão, a confusão de momento, a serenidade ou a calma. A narrativa será traçada a partir de como os componentes básicos aparecem no momento de fotografar.

Uma série ou conjunto de fotos pode funcionar como uma narrativa, e o contexto influencia no modo com se estabelece a interpretação com as fotografias. O contexto pode ser definido pela função da foto: por sua localização, sua relação como outras fotos; sua atualidade; localização geográfica e interpretações culturais e experiências trazidas pelo público.

3 METODOLOGIA

A primeira etapa consistiu no procedimento metodológico de pesquisa bibliografia local para a fundamentação teórica e confecção da revista pedagógica que foi utilizada pelos alunos participantes da oficina pedagógica.

A pesquisa com a história local envolveu as mais diversas fontes: livros, revistas e jornais sobre a história do município de acervo pessoal e público. O foco principal foi a utilização de fotografias atuais e antigas no recorte temporal trabalhado.

A partir de todo aparato metodológico e a aplicação da oficina pedagógica. Houve a obtenção de dados sobre interpretação de elementos referentes à memória e a importância das fotografias como elemento histórico. Além de a oficina possibilitar a experiência sobre questionamentos e concepções práticas em relação ao ensino de História atual. Observando a atitude dos alunos em relação à questão atual da função histórica que deve estar pautada no desenvolvimento da curiosidade e participação dos alunos. É a relação que os alunos estabelecem entre memória e história; memória individual e coletiva; correlacionado o ato de fotografar com a memória.

4 APRESENTAÇÃO DE DISCUSSÃO DOS DADOS

A primeira etapa do trabalho com a oficina foi a mais complexa: a escolha dos logradouros a ser estudado.

Após a definição de quais logradouros seriam trabalhados; iniciou-se a busca de fotografias que compreendiam o período de 1940 - 2010. Mesmo tendo muitas fotografias institucionais da prefeitura e do acervo das indústrias Klabin disponibilizada pela internet. Foram as fotografias dos alunos que apresentam maior riqueza de detalhes dos logradouros em diversos aspectos.

Como etapa seguinte, após a coleta das fotografias, foi realizada a organização da mesma de forma cronológica de cada logradouro em questão.

Com a sequência montada, iniciou-se o trabalho com base no material didático desenvolvido que se apresenta em anexo. Com base nas observações coletadas foi possível organizar as ideias e a produção de textos, o que possibilitou um excelente trabalho sobre o tema memória, proporcionando uma devolutiva sobre eles, de forma individual e para o grupo.

A prática historiográfica tendo como aplicação da oficina pedagógica pode ser apresentada de forma extremamente positiva, onde os alunos participaram de forma entusiasmada. Conseguindo fazer a ligação entre memória, fotografias com objeto histórico e principalmente associando a História com o cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trabalha com a disciplina de História, a ligação com o passado é iminente. Ao professor trazer a tona questões que pesquisando sobre as diversas formas de fonte a História que parecia tão distante começa a fazer parte da vida cotidiana.

Alunos desmotivados, sem interesse pelos conteúdos, como mudar esta realidade? Era hora de rever as propostas de trabalho, e desenvolvimento da oficina pedagógica no

sistema de contra-turno foi desenvolvida para chamar a atenção dos alunos sobre o tema, memória. Como o objetivo de demonstrar aos alunos que a História está presente no cotidiano, e bem próxima de nós. A pesquisa dos principais logradouros do município buscou isto.

Será que nome dos principais logradouros do município poderia ser considerado um vestígio histórico? Esta foi a primeira discussão levantada com os alunos participantes. Como buscar materiais do passado? As fotografias são excelentes fontes a ser trabalhadas, principalmente as guardadas pelas famílias.

As fotografias como objeto de memória chamou atenção dos alunos que reuniram diversas fotografias dos logradouros em questão.

Após a classificação das fotos tendo como recorte temporal 1940 a 2010. Os alunos através do desenvolvimento das atividades propostas puderam conhecer a História e sua ligação com a comunidade e principalmente com suas famílias.

Outro elemento importante a ser relatado nesta atividade além da socialização que não ocorre somente na oficina, pois envolveu (pais, responsáveis e a comunidade escolar). Foi o desenvolvimento da atividade prática onde foi possível estudar outras realidades do passado com vestuário, meios de transporte e os diversos artefatos da época.

REFERÊNCIAS

BOSCHILIA, R. **Construindo Memórias:** Modelando condutas e educação católica em colégios masculinos. S.e.

CARVALHO, D. R. **Telêmaco Borba o município:** história política da papel e da madeira capital. Curitiba, 2006.

CERRI, L. F. **Oficina de História III.** Ponta Grossa: UEPG/ NUTEAD, 2010.

CORAIOLA, A. M. **Capital do Papel:** a História do Município de Telêmaco Borba. CDD.

FÉLIX, L. O. **História e Memória:** a problemática da pesquisa. Universidade de Passo Fundo, 2004, UPGF.

FERREIRA, Â. R. **Oficina de História VI.** Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2011.

GALVÃO, O. **Nas ondas do Rádio:** nascimento e evolução da radiofonia em Telêmaco Borba. Telêmaco Borba, 2011.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1990.

MOREIRA, C. R. B. S. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de História.** Curitiba: Ipbex, 2007.

NAPOLITANO, M. Fotografia como documento histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org.). **Caderno de História 2:** o uso escolar do documento histórico. Curitiba: UFPR, 1997.

NORA, P. **Entre memória e história.** A problemática dos lugares. Trad. de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, v.1 0, p 7-28, dez. 1993.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

SHORT, M. **Contexto e narrativa em fotografia.** Barcelona L Gustavo Gili, 2013.

SOARES, A. L. **Educação Patrimonial:** teoria e prática. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

SONTANG, S. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Fotos antigas do acervo da Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba:

<http://pmtb.gov.br>.

<http://telemacoonline.com.br>

Jornal- O Tibagi, edições 35, 56, 78. 22, 49 e 12

Jornal- O Correio do Vale, várias edições

Revista – Impacto nº 1 5 e 7

Cópia de decretos emitidos pela Câmara Municipal de Telêmaco Borba, que determinam o nomes dos logradouros municipais.

<http://www.notisul.com.br>. acessado em: 10 ago. 2015.

Artigo aceito em dez./2015